

DESABAFO

Bem que Sofia me falou diversas vezes que a notícia, divulgada maciçamente pela imprensa, de que a tal pandemia é muito perigosa, pois pode até mesmo levar a óbito os que a contraem, não passa de balela espalhada pelos opositores do governo.

Sofia, não sei se vocês sabem, é minha melhor amiga desde os tempos de colégio. Ainda somos tão íntimas, embora os anos que se passaram e embranqueceram nossos cabelos, que costumo chamá-la carinhosamente de forma simplificada, apenas e simplesmente “So”. Mas confesso que me ressinto um pouco por ela não haver também inventado apelido carinhoso para mim. Hoje isso não me incomoda mais. O que ainda me faz rir é lembrar das estripulias que tantas vezes fizemos em sala de aula, principalmente com aqueles mestres mais condescendentes. Houve u’a manhã em que o professor de inglês, um gringo rigoroso e sempre de cara fechada, flagrou-nos atirando bolinhas de papel uma na outra, algumas até ficaram espalhadas ao lado das surradas carteiras do antigo colégio, de forma que não tivemos como negar a brincadeira. Nem é preciso dizer que fomos mandadas à diretoria.

Mas o que pretendo contar-lhes é que foi o pai da “So” quem garantiu a ela que a Covid não passa de mera gripe, é só tomar algumas aspirinas para aliviar os sintomas, repousar alguns dias e pronto, pode-se voltar à vida normal sem qualquer problema. Ele sabe das coisas, é pessoa inteligente e muito bem informada, pois foi até mesmo candidato a deputado federal. Sei inclusive que em evento político na Avenida Paulista chegou a ser injustamente detido pelos policiais militares que vigiavam os integrantes da barulhenta passeata. Ele não estava fazendo nada de errado, afiançou-me Sofia.

Foi por tudo isso que nem me preocupei quando meus pais - sim, voltei a morar com meus pais depois do divórcio - levaram-me apressadamente ao pronto-socorro bem ao lado aqui de casa, com um pouco de febre e alguma dificuldade para respirar. O oxigênio aliviou-me o desconforto e até mesmo cheguei a pedir ao médico, um jovem que me pareceu nervoso e todo paramentado com

máscara e luvas, não sei por qual razão, que me liberasse logo, pois desejava voltar para casa. Ele somente olhou-me, mas não disse nada.

Hoje bem sei que podia, sim, ter-me liberado naquele momento, ignoro por que não o fez, vai ver que tinha brigado com a mulher e descarregou tudo em mim. Mas eu tinha mesmo razão, tanto que agora sinto-me completamente curada, apenas a garganta raspando-me um pouco, até vou ver se acho uma pastilha que me traga algum alívio. Acho também que aquele medicozinho de araque (desculpem-me pelo desabafo, tem hora que não consigo aguentar) deve ter-me dado, de propósito, uma droga muito forte para dormir, pois se passou bastante tempo desde aquela noite no pronto-socorro. Na verdade, confesso que não estou entendendo bem o que está ocorrendo, principalmente como apenas meus avós, velhinhos de cabelos brancos e pele enrugada, que não via há tantos anos e nem sabia que ainda estavam vivos, além de outro simpático senhor de meia idade, tranquilo e sorridente, estavam à minha espera e vieram acolher-me, o que achei muito estranho, pois nem meus pais e muito menos Sofia encontravam-se entre eles. Mas vou pedir que me levem imediatamente de volta para casa, pois agora, como disse, estou me sentindo muito bem. Quero abraçar todos lá de casa e rever minhas amigas, não sem antes tomar um demorado banho na Jacuzzi que papai comprou para mim. Estava certo o pai da Sofia, essa tal Covid não passa mesmo de inocente gripezinha.

Darly Viganó
darly.vigano@gmail.com